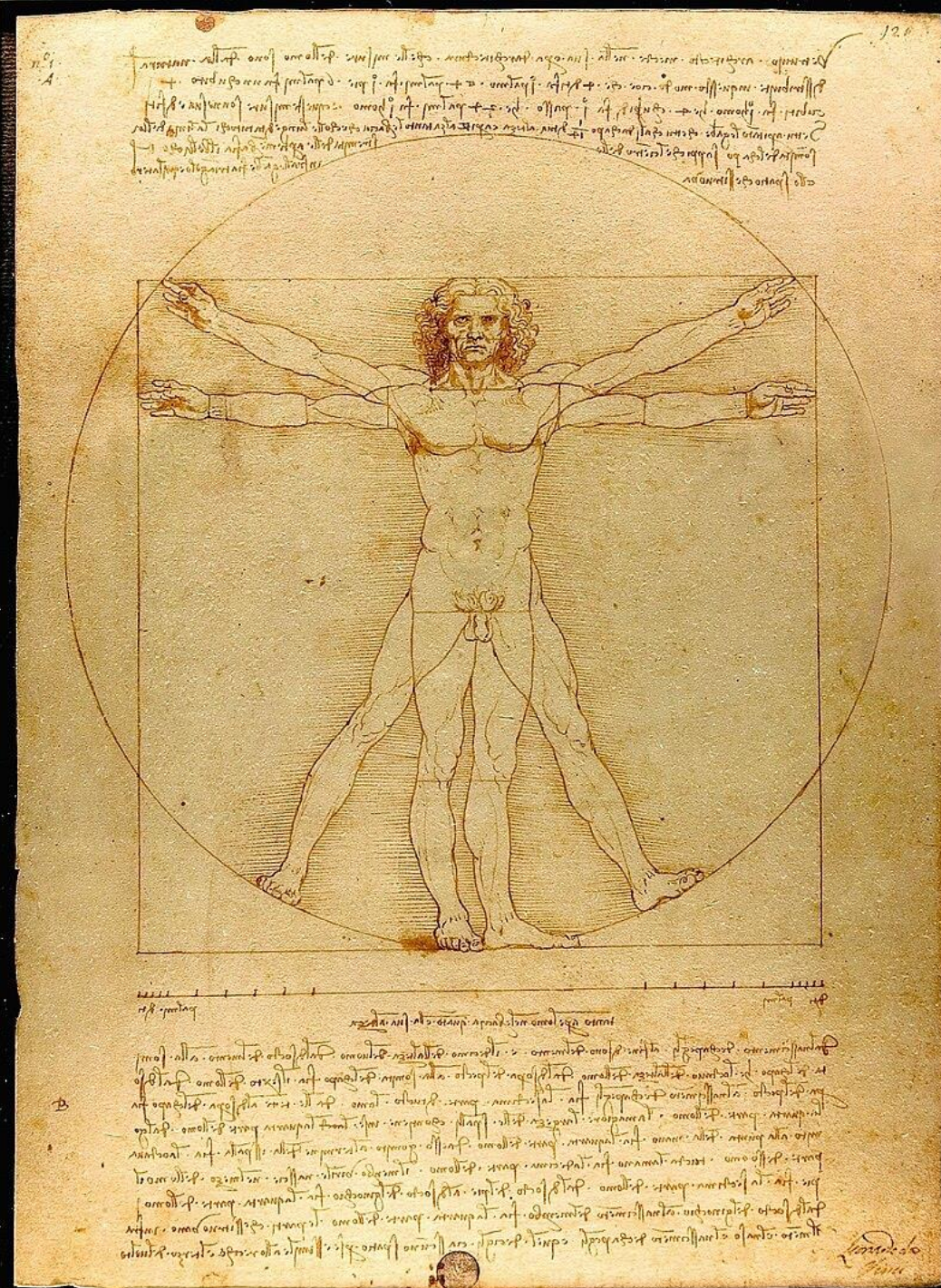


A Felicidade e o Sentido da Vida Nível II

Marcos
Bazmandegan



**Pico della Mirandola
(1463-1494)
e a felicidade natural**

felicitas naturalis





900 teses. Todo o saber. Todos os povos. Uma verdade.

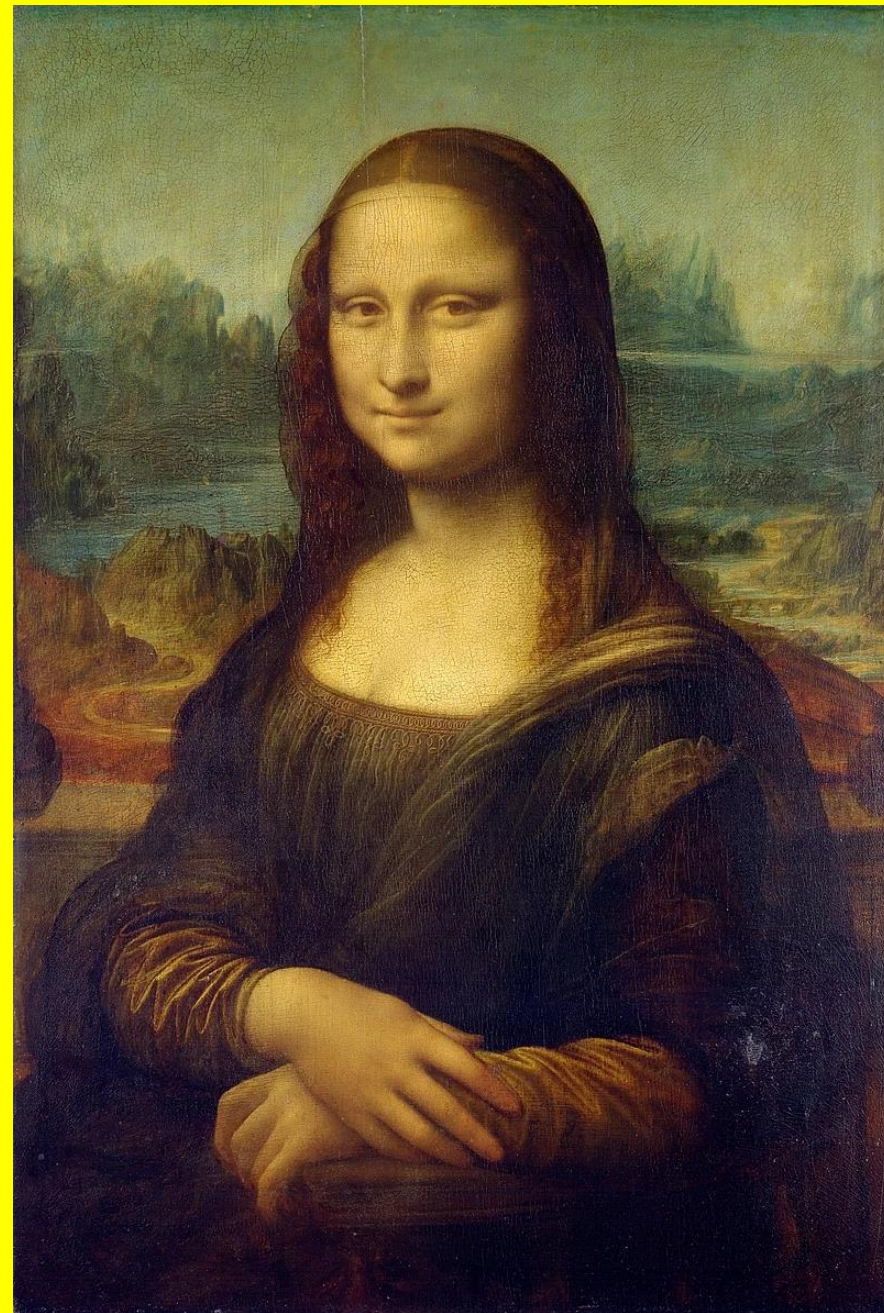
Divino Platão, *Philosophia Perennis*, Neoplatonismo.



O sorriso da Mona Lisa

“Tão encantador, que era mais
divino que humano.”

Giorgio Vasari, *Vidas de Artistas*



Do céu à terra



Retratos sorridentes - Antonello da Messina (1430-1479)



Lorenzo Valla e a descrição do Paraíso

“Com as outras, as partes individuais do corpo recebem prazer como o palato da comida, as narinas da rosa e da violeta; mas com este tipo, o corpo inteiro é parceiro do prazer. É também uma espécie de júbilo, sentido não por um mas muitos sentidos; abordemo-lo apenas muito brevemente aqui porque está relacionado com assuntos anteriormente mencionados, como os vossos banquetes, danças e jogos. [...] No estado de felicidade eterna este tipo de prazer será muito mais rico e abundante.”

Sobre o prazer (1431), texto de inspiração epicurista.

O jardim das delícias terrenas de Hieronymus Bosch (†1516)



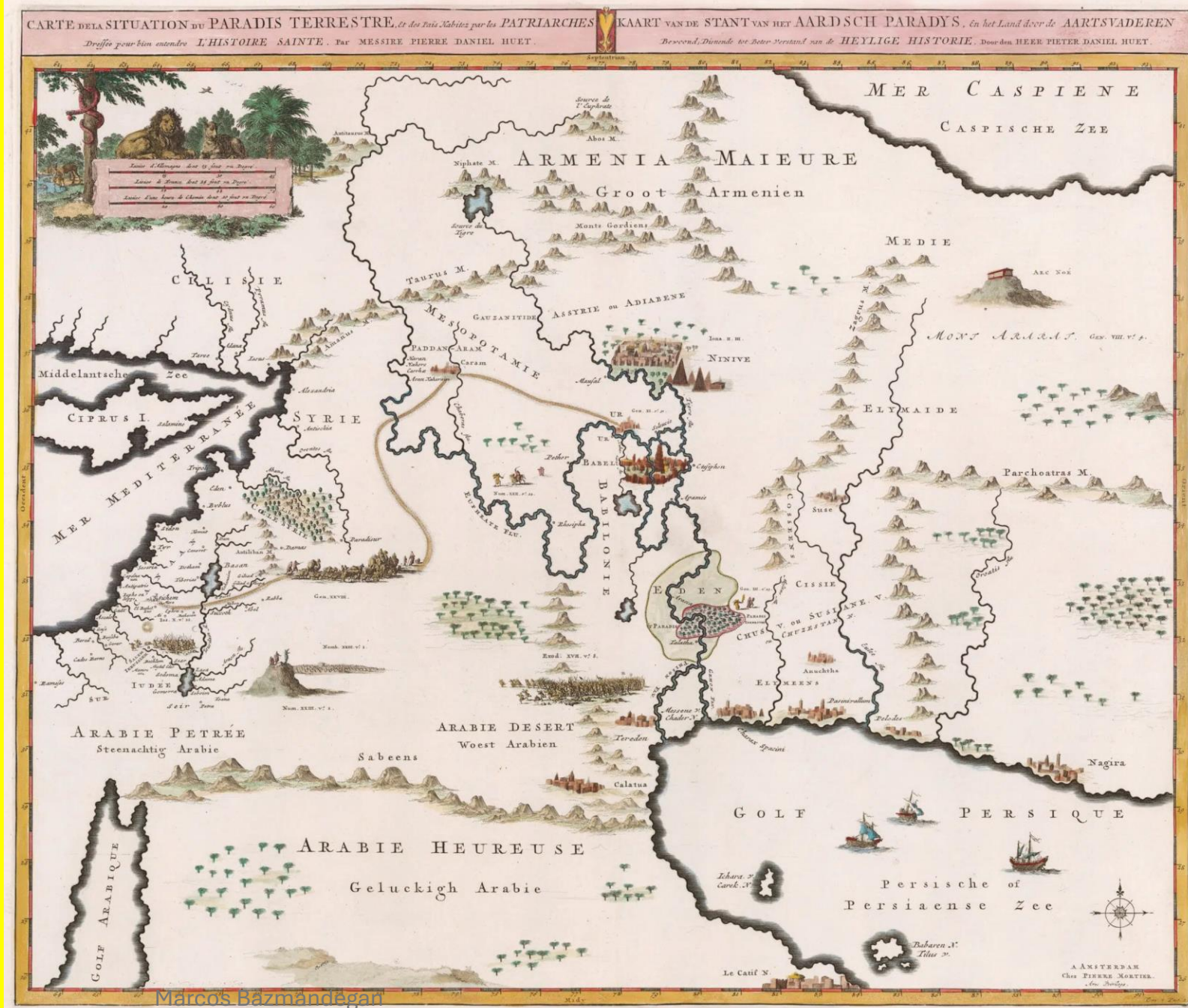
A utopia de Thomas More (1478-1535)

Em grego, *tópos* significa lugar e o prefixo "u" tende a ser empregado com significado negativo, de modo que utopia significa "não lugar" ou "lugar nenhum".



A procura pelo Paraíso Terrestre

<https://mapasmilhaud.com/mapas-curiosos/la-situacion-del-paraíso-en-la-tierra-1700/>



Bento de Espinosa (1632-1677) e a *beatitudo*

A beatitude não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não a desfrutamos porque rereamos os apetites lúbricos, mas, em vez disso, podemos rearmos os apetites lúbricos porque a desfrutamos.”

– Espinosa, *Ética* V, prop. 42



Diderot (1713-1784) e o retorno do Epicurismo

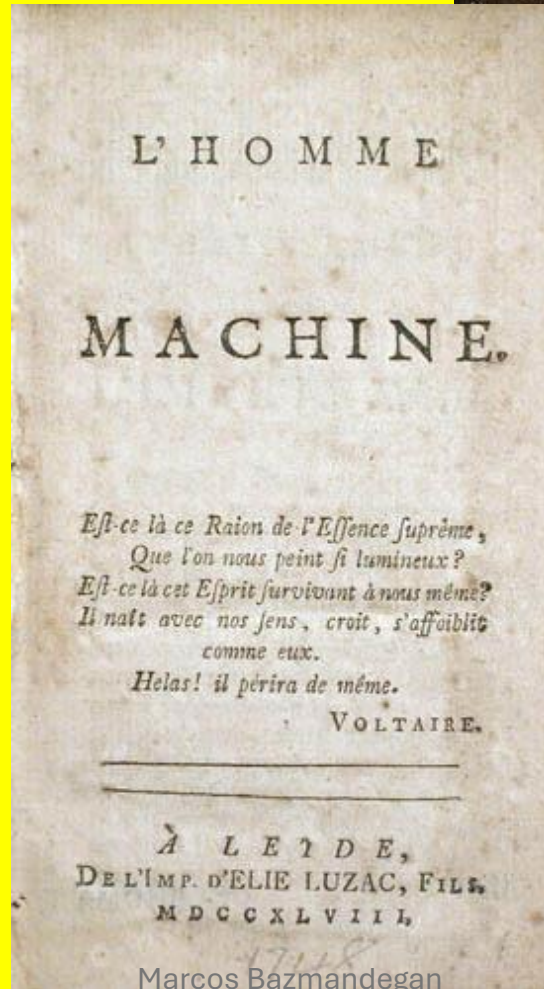
- Spinozismo – Iluminismo Radical.
- Materialismo.
- Epicurismo (não igual ao antigo):
 - *Ataraxia* – Minimizar a dor.
Agora, maximizar o prazer.

“Os Gregos foram os professores dos Romanos, os Gregos e os Romanos têm sido os nossos.”



La Mettrie e o materialismo

- *Histoire Naturelle de l'Âme*. 1745.
- *École de la Volupté*. 1746, 1747.
- *Politique du Médecin de Machiavel*. 1746.
- *L'Homme Machine*. 1748.
- *Discours sur le bonheur ou Anti-Sénèque*.
- *Système d'Épicure*. 1750.
- *L'Art de Jouir*. 1751.



Marcos Bazmandegan

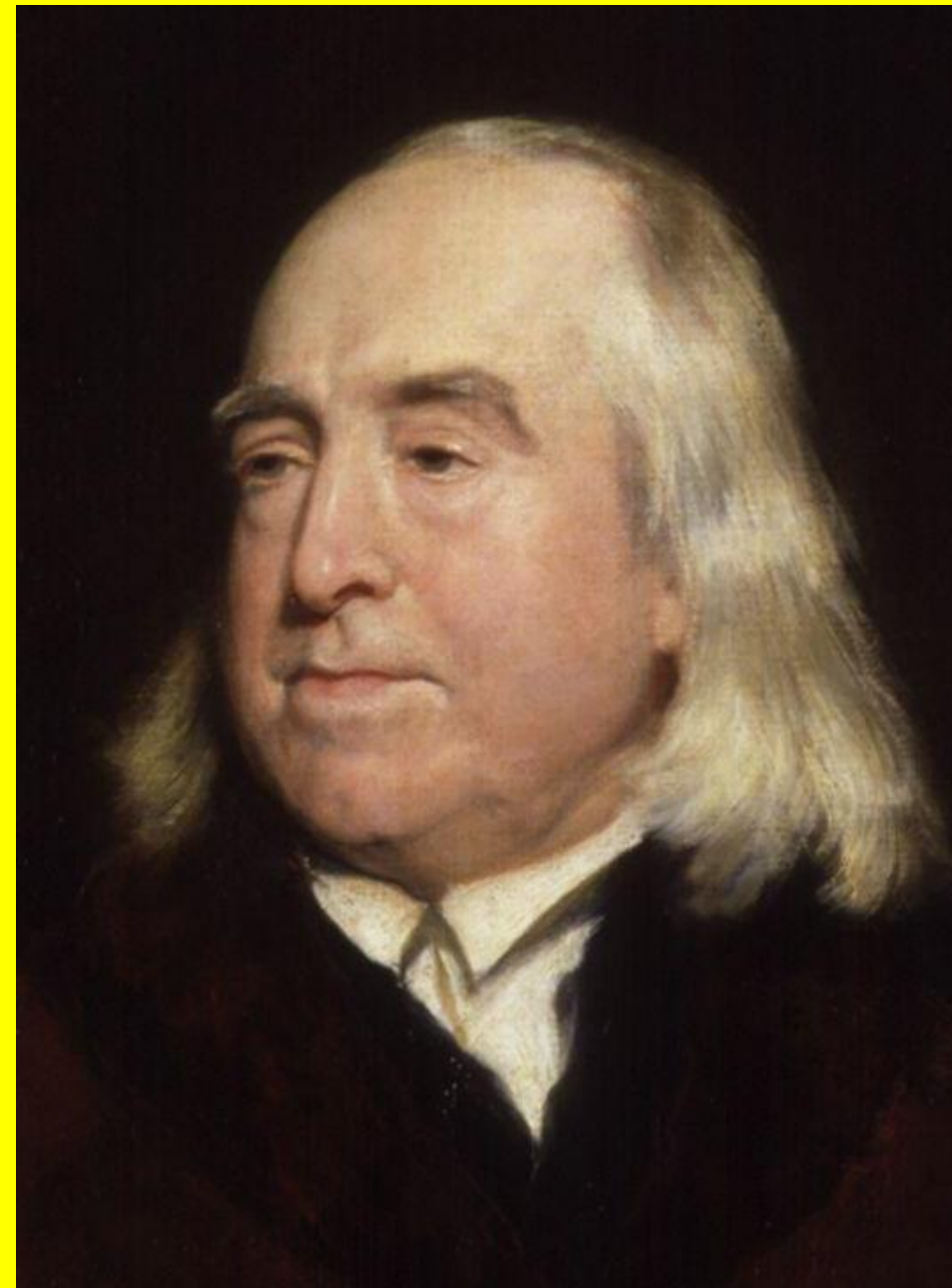


Giacomo Casanova e Marquês de Sade: libertinagem e hedonismo



Bentham e a felicidade do maior número: o cálculo da felicidade

- A maior felicidade do maior número de pessoas. – Princípio iluminista da utilidade.
- O cálculo da felicidade de Bentham não era a matemática de Newton. O prazer de um homem podia ser o sofrimento de um outro.
- Será o prazer o nosso desejo superior?



Subjetivação da felicidade

“Se todos os interesses do Homem terminassem nesta vida, então a razão por que uma pessoa seguia o Estudo e o Conhecimento, e outra a Falcoaria e a Caça; por que uma escolhia o Luxo e a Devassidão e outra a Sobriedade e a Riqueza, seria apenas porque a sua Felicidade assentava em coisas diferentes.” (Locke)

- Locke responde com Horácio: *Carpe Diem*.
- “Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos!” (Is. 22:13; 1Cor. 15:32).

Crítica à concepção utilitarista da Felicidade

Se a Felicidade/Prazer é o maior bem e a Infelicidade o pior dos males, e se não há vida além túmulo, então porque haveria de sacrificar a minha própria felicidade em detrimento da felicidade do maior número?

- O Hedonismo como o caminho para a Felicidade.

Do Ancien Régime à Belle Époque

- O mundo já não é um vale de lágrimas. Otimismo. Reorientação do séc. XVIII.
- A felicidade é um luxo. Só quando as condições de vida melhoram, é possível pensar a felicidade nestes termos. (Inclusive a descoberta do Novo Mundo, vem contribuir para melhores condições de vida).
- Crescimento da urbanização, criando centros urbanos que seriam o nascimento da sociedade de consumo. – progresso contínuo do desejo (de um objeto para outro).



A felicidade no projeto Iluminista

- Confiança na possibilidade do progresso social através do conhecimento.
- Uma melhor compreensão das coisas podia tornar o mundo melhor.
- Ciência newtoniana, nova ciência da mente – universo harmonioso, governado por leis compreensíveis.
- Transformação da questão “Como posso ser salvo?” em “Como posso ser feliz?”
- Qual o papel da moral?

Immanuel Kant
Beantwortung der Frage:
Was ist Aufklärung?
und andere kleine Schriften



HOFENBERG

O terramoto de 1755 no pensamento da Felicidade

- A fatalidade do mal.
- Reavaliação do otimismo do século XVIII.
- Sofrimento sem sentido.
- Ressurgimento da questão do mal (teodiceia).



Kant rejeitou as explicações teológicas que viam desastres naturais como punições divinas. Defendeu que devemos encarar esses eventos como parte de um mundo regido por leis físicas, onde o sofrimento humano não reflete uma moralidade transcendental. Esse pensamento faz parte da sua crítica à relação entre religião, moralidade e razão.

- Acerca das causas dos tremores de terra, a propósito da calamidade que, perto do final do ano passado, atingiu a zona ocidental da Europa.
- História e descrição natural dos estranhos fenómenos relacionados com o terramoto que, no final do ano de 1755, abalou uma grande parte da Terra.
- Considerações adicionais acerca dos tremores de terra que, de há algum tempo a esta parte, se têm feito sentir.

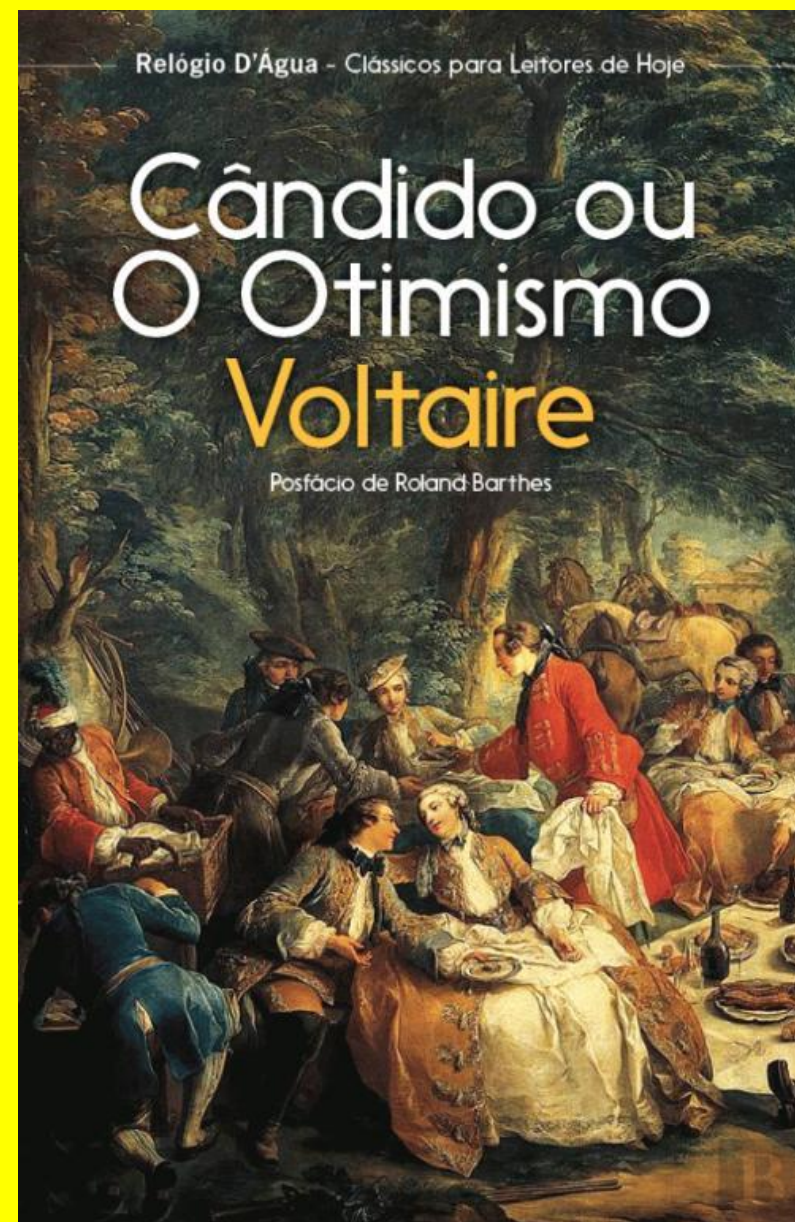
Immanuel Kant Escritos sobre o Terramoto de Lisboa

70 TEXTOS FILOSÓFICOS

Cândido de Voltaire

Voltaire escarnece a ideia de que este mundo é o melhor de todos os mundos possíveis.

“— Todos os acontecimentos — dizia às vezes Pangloss a Cândido — estão devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivesses sido expulso de um lindo castelo, a pontapés no traseiro, por amor da senhorita Cunegundes, se a Inquisição não te houvesse apanhado, se não tivesses percorrido a América a pé, se não tivesses mergulhado a espada no barão, se não tivesses perdido todos os teus carneiros da boa terra do Eldorado, não estarias aqui agora comendo doce de cidra e pistache. — Tudo isso está muito bem dito — respondeu Cândido, — mas devemos cultivar o nosso jardim.”



Kant e a Felicidade

Oposição e conciliação:

- Princípio da moralidade (imperativo categórico).
- Princípio da felicidade (imperativo hipotético).



- **Princípio da moralidade (Imperativo categórico):**

- ordena uma ação como um fim em si mesmo. Deve ser seguida independentemente das consequências ou desejos pessoais;
- a moralidade exige que as ações sejam feitas de acordo com uma máxima que possa ser universalizada;
- o princípio moral é fundamentalmente desinteressado e não depende da procura pela felicidade ou de qualquer resultado particular.

- **Princípio da felicidade (imperativo hipotético):**

- ordena realizar uma ação como meio para outro fim;
- está relacionada com a procura do bem-estar e satisfação dos desejos;

A felicidade não pode ser o fundamento da moralidade, pois os desejos e interesses humanos são muitos e variados, e a procura pela felicidade é contingente, podendo levar a ações imorais se for perseguida sem limites. Para Kant, a felicidade é um conceito subjetivo, que varia de pessoa para pessoa e não pode ser usada como critério absoluto para determinar o que é moral.

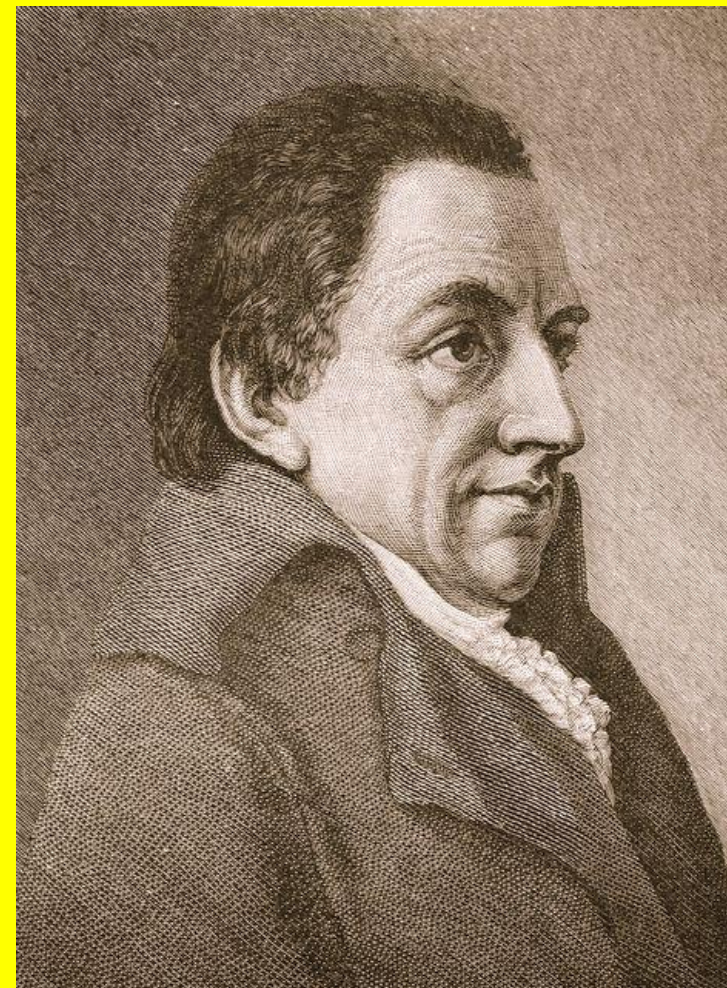
- A moralidade (o cumprimento do dever) pode, de fato, levar à verdadeira felicidade, mas essa felicidade não deve ser o fim imediato ou a motivação das ações morais.
- A moralidade deve ser procurada de forma independente da felicidade, com base no dever.
- A felicidade pode ser uma consequência indireta de uma vida moralmente bem vivida, pois uma vida que é vivida de acordo com princípios morais universais pode conduzir à realização de um bem-estar racional e duradouro.

A felicidade no Idealismo Alemão

A felicidade é vista mais como uma consequência da realização moral e da autoconsciência, do que como um fim em si mesmo.

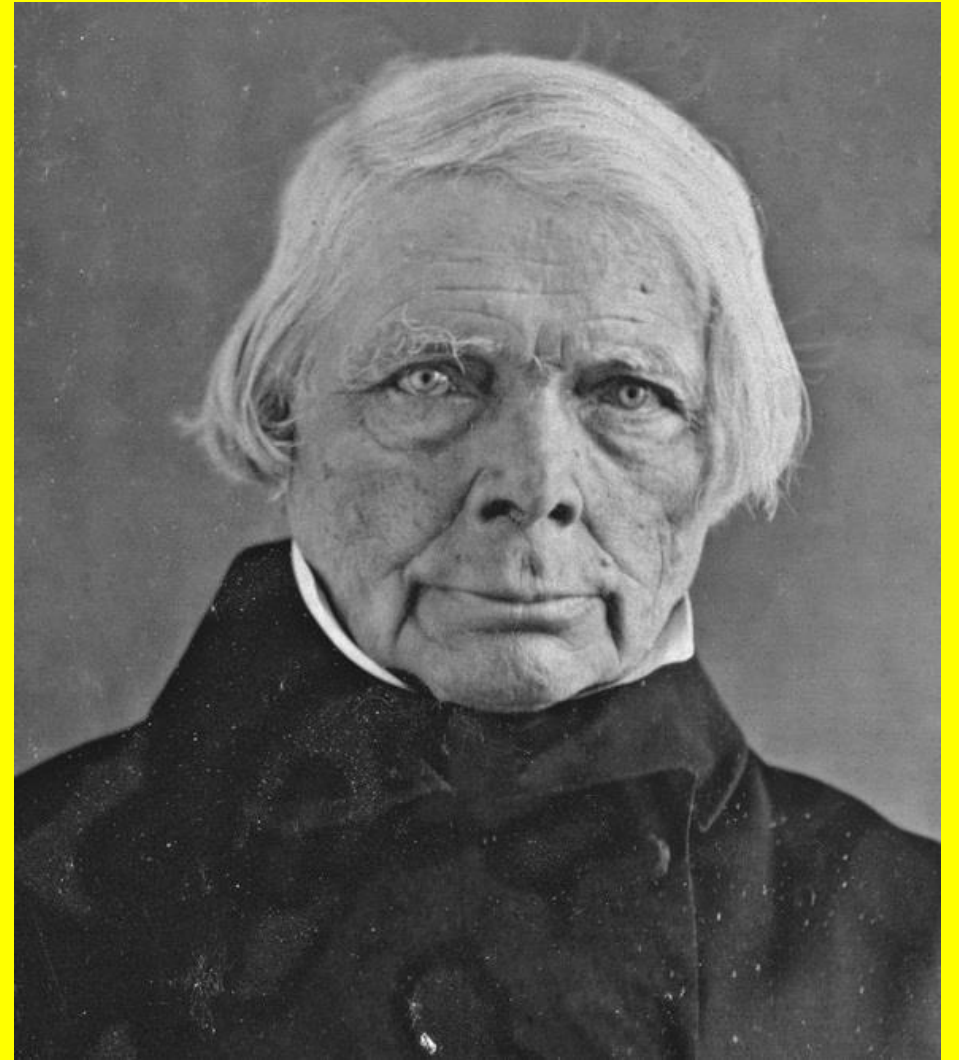
- **Fichte** (1762-1814)

A felicidade como algo que surge da realização do eu, da autoafirmação do sujeito.



- **Schelling** (1775-1854)

A felicidade é uma expressão de harmonia entre o indivíduo e a totalidade do mundo natural e espiritual. A realização da liberdade humana e a superação das dicotomias entre sujeito e objeto são essenciais para a experiência da felicidade.



- **Hegel (1770-1831)**

Tem uma abordagem mais sistêmica da felicidade, considerando-a dentro do processo dialético do desenvolvimento do espírito. Para ele, a felicidade está ligada ao reconhecimento da liberdade e à integração do indivíduo na sociedade. A verdadeira felicidade não é um estado privado, mas sim um estado de realização no contexto social e histórico.



- **Schopenhauer** (1788-1860)

Para Schopenhauer, a felicidade não é algo plenamente alcançável, mas sim a ausência de sofrimento.

Ele vê a vida como marcada por desejos incessantes e insatisfeitos, onde a Vontade humana é a fonte do sofrimento, já que, uma vez satisfeito um desejo, surge outro. A felicidade, portanto, seria uma raridade, surgindo principalmente em momentos de contemplação estética ou na renúncia ao desejo, onde o indivíduo experimenta alívio da constante agitação da Vontade.

Assim, para Schopenhauer, a verdadeira felicidade não é o prazer constante, mas o alívio temporário da dor e do desejo.

